

POSSIBILIDADES DA PSICOMOTRICIDADE EM AULAS DE EDUCAÇÃO FÍSICA PARA ALUNOS COM TRANSTORNO DO ESPECTRO AUTISTA

POSSIBILITIES OF PSYCHOMOTRICITY IN PHYSICAL EDUCATION CLASSES FOR STUDENTS WITH AUTISTIC SPECTRUM DISORDER

Carla Gabriela Laureano
Maria Luiza Salzani Fiorini

Faculdade de Ensino Superior do Interior Paulista (FAIP)

Resumo

Crianças com Transtorno do Espectro Autista (TEA) apresentam dificuldades em se comunicar e estabelecer interação social com as pessoas, comportamentos estereotipados e repetitivos. A Psicomotricidade, nas aulas de Educação Física, pode ajudar nesse processo de escolarização, pois, proporciona benefícios para o desenvolvimento motor, cognitivo, afetivo e social. Objetivou-se identificar as possibilidades da Psicomotricidade em aulas de Educação Física para alunos com Transtorno do Espectro Autista. Esta pesquisa teve como método a revisão da literatura. Os materiais selecionados foram identificados nas bases de dados SciELO e Google Acadêmico. Foram utilizados livros, artigos, dissertação, Trabalhos de Conclusão de Curso e trabalhos publicados em anais de congresso. Foi pesquisada a literatura nacional e para busca foram utilizadas as seguintes palavras-chave em combinação: Psicomotricidade, Transtorno do Espectro Autista, autismo, inclusão e Educação Física Escolar. Identificou-se que, como a Psicomotricidade tem como objetivo desenvolver por completo o ser humano em seus aspectos motores, cognitivos e afetivos, e atividades psicomotoras nas aulas de Educação Física pode ajudar a criança com TEA no desenvolvimento do raciocínio, da imaginação, da criatividade, da afetividade e da socialização. Com relação ao professor de Educação Física, a literatura da área recomenda que, diante da inclusão escolar de alunos com TEA, é necessário trabalhar as potencialidades individuais que cada criança possui, respeitando o tempo e os limites de cada criança diagnosticada com TEA.

Palavras-Chave: Atividade Motora Adaptada. Psicomotricidade. Educação Física Escolar. Inclusão. Transtorno do Espectro Autista.

Abstract

Children with autism spectrum disorder (ASD), feature difficulties communicating and establishing social interaction with people, stereotyped and repetitive behaviors. Psychomotricity in Physical Education classes can help in this schooling process, as it provides children with benefits that contribute to their motor, cognitive, and social affective development through motor activities. In this sense, the objective of this study was to identify the possibilities of Psychomotricity in Physical Education classes for students with Autism Spectrum Disorder. This research used the literature review method. The materials selected for this study were identified in the SciELO and Google Scholar databases. Books, articles, dissertation, Course Conclusion Papers and papers published in conference proceedings were used. Only the national literature was searched and the following keywords were used to search for them in combination: psychomotricity, autism spectrum disorder, autism, inclusion and School Physical Education were used to search. It has been identified that as Psychomotricity aims to fully develop human

beings in their motor, cognitive and affective aspects, and psychomotor activities in Physical Education classes can help children with ASD in the development of reasoning, imagination, creativity, affectivity and socialization. Regarding the Physical Education teacher, the literature in the area recommends that, in view of the school inclusion of students with ASD, it is necessary to work on the individual potential that each child has, respecting the time and limits of each child diagnosed with ASD.

Keywords: Adapted Motor Activity. Psychomotricity. School Physical Education. Inclusion. Autistic Spectrum Disorder.

1 Introdução

Neste estudo focar-se-á, especificamente, no Transtorno do Espectro Autista (TEA). O TEA é definido por déficits permanente de comunicação e interação social, incluindo comportamentos não verbais de comunicação, déficits na reciprocidade e interação social, e dificuldades para desenvolver, compreender e manter relacionamentos, inclui também padrões repetitivos e restritos de comportamento, interesses ou atividades (APA, 2014).

Em função das características, o TEA exige acompanhamento contínuo e estratégias de intervenções que provoquem respostas positivas aos déficits e necessidades apresentados pela criança com TEA (FERREIRA, 2016).

A Psicomotricidade na prática educativa é essencial para o processo de aprendizagem das crianças com TEA, por proporcionar benefícios que auxiliam no seu desenvolvimento motor, cognitivo e afetivo social por meio de atividades motoras que ajudam a conhecer e dominar seu próprio corpo (AQUINO *et al.*, 2012; SILVA; TAVARES, 2010). Os aspectos psicomotores, quando estimulados e vivenciados, servem de base para escolarização, auxiliando no processo de alfabetização e favorecendo um melhor desempenho escolar (LORDANI; BLANCO, 2019).

Nos primeiros anos de vida escolar se iniciam novos vínculos afetivos e sociais, e é quando também se adquire as bases psicomotoras indispensáveis para a aquisição e assimilação dos conteúdos a serem aprendidos. Ao iniciar as intervenções com um aluno com TEA, é importante que a escola identifique suas necessidades e realize métodos de trabalho que tenham como objetivo o seu desenvolvimento (SILVA; TAVARES, 2010). Também é de fundamental importância que se estabeleça algum tipo de comunicação, criando um vínculo que contribuirá para o desenvolvimento dessa criança (SILVA; SOUZA, 2018).

É importante que as instituições de ensino propiciem um ambiente agradável, em que seus alunos se sintam seguros e possam aproveitar o máximo esse tempo e o espaço a eles oferecido, proporcionando que a criança se arrisque e vença seus medos e experimente novos desafios. Quando se limita um movimento pode estar contribuindo para que aumente as dificuldades de pensar e de manter a atenção (BRASIL, 1998).

A Educação Física Escolar abrange um vasto conhecimento elaborado e usufruído pela sociedade a respeito do corpo e do movimento, entre eles, “[...] atividades culturais de movimento com finalidades de lazer, expressão de sentimentos, afetos e emoções, e com possibilidades de promoção, recuperação e manutenção da saúde” (BRASIL, 1997, p. 23). Ela proporciona benefícios fisiológicos e psicológicos por meio de suas manifestações, além de servir como instrumento de comunicação, expressão cultura e lazer.

A Psicomotricidade visa trabalhar com diferentes perspectivas como, por exemplo, educação, reeducação e terapia psicomotora, com seus métodos e técnicas próprias, mas para que ela possa contribuir com a criança com TEA, é necessário ressaltar que, devido à complexidade do TEA, o profissional de Educação Física deverá traçar um plano de intervenção, de acordo com as particularidades que cada criança apresenta (SILVA; SOUZA, 2018).

A proposta dessa intervenção é oferecer à criança com TEA o prazer de vivenciar suas experiências, por meio de seu corpo, nas várias relações que esta poderá desenvolver. Dessa forma, a criança com TEA necessita de uma pessoa que o entenda e que esteja disposto a corresponder às necessidades dessa criança. Acredita-se que através da Psicomotricidade é estimulado o desenvolvimento do corpo em movimento, beneficiando sua interação com a família e o meio social, suas habilidades cognitivas, afetivas, emocionais, na tentativa de proporcionar uma melhor qualidade de vida (SILVA; SOUZA, 2018).

Diante desse contexto, objetivo deste estudo foi identificar as possibilidades da Psicomotricidade em aulas de Educação Física para alunos com Transtorno do Espectro Autista.

2 Método

Esta pesquisa teve como método a revisão da literatura. Este procedimento o processo de buscar, localizar, analisar, sintetizar e interpretar todo material relevante relacionado a área de estudo em: livros, revistas científicas, artigos de periódicos, teses, dissertações, relatórios governamentais, atas de congressos, entre outros materiais relevantes. É fundamental não apenas para definir o problema, mas para saber o estado atual sobre os conhecimentos gerados sobre determinada área de estudo, as lacunas a serem preenchidas e as contribuições que seus estudos podem gerar para desenvolver mais conhecimento sobre esse tema (BENTO, 2012).

Os materiais selecionados para confecção desse estudo encontram se disponíveis na base de dados SciELO e Google Acadêmico.

Para a busca foram utilizadas as seguintes palavras-chave em combinação “psicomotricidade”, “transtorno do espectro autista”, “autismo”, “inclusão” e “educação física escolar”.

Foram utilizados livros, artigos, dissertação, Trabalhos de Conclusão de Curso (TCC) e trabalhos publicados em anais de congresso, e foi pesquisada somente a literatura nacional.

A data de publicação não foi um dos critérios utilizados para inclusão ou exclusão.

3 Revisão

3.1 Trajetória do Autismo até o Transtorno de Espectro Autista

A palavra “autismo” é de origem grega, deriva de “autós”, que significa “para si mesmo.” (SILVA; PERANZONI, 2012).

Segundo Cordeiro e Silva (2018), quem utilizou esse termo pela primeira vez em 1911, foi Eugen Bleuler, um psiquiatra suíço que quando descreveu esquizofrenia infantil, seu principal sintoma era viver fora da realidade e totalmente voltado para si.

Em 1943, Leo Kanner psiquiatra austríaco, que ao estudar as psicoses infantis, apresentou o termo “autismo infantil precoce” em seu artigo *“Autistic Disturbance of Affective Contact”* (Transtorno Autístico do Contato Afetivo) ao observar 11 crianças de 2 a 11 anos, que apresentava desde o início de suas vidas comportamentos diferentes das outras crianças, ficavam distantes das outras, não mantinham relação funcional com os objetos, não interagem e nem mostravam afeto e tinham dificuldades de se comunicar e se relacionar com pessoas e situações, diferente da esquizofrenia infantil em que o rompimento com a realidade externa ocorreria depois do terceiro ano de vida. (DIAS, 2015; FIEIRA, 2017)

No ano seguinte, em 1944 o pediatra Hans Asperger observou algo semelhante em sua tese na Faculdade de Medicina com casos atendidos na Clínica Infantil da Universidade de Viena que foi nomeada de Psicopatia autística infantil. Síndrome com características semelhantes as descritas por Kanner, mas se diferia apenas por um detalhe, não possuíam atrasos intelectuais e possuíam habilidades e os sintomas apareciam após o terceiro ano de vida, síndrome que mais tarde ficou conhecida como Síndrome de Asperger (DIAS, 2015).

Os autistas possuem grandes variações nos modelos de comportamento, no grau de habilidades sociais e de comunicação, devido a isso tornou mais apropriado o uso do termo Transtornos Invasivos do Desenvolvimento.

Em 1968, no *Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais* (DSM-2), o “autismo” foi introduzido no quadro “esquizofrenia de início na infância”. No DSM-3, a partir da década de 1980, o “autismo” sai da categoria de psicose e foi definido como “distúrbios invasivos do desenvolvimento”. No DSM IV (APA, 1991), caracterizado por prejuízo severo e invasivo em diversas áreas do desenvolvimento, o “autismo” é

considerado como “transtornos global de desenvolvimento” (TGD), englobando déficits de interação social, comunicação e comportamento repetitivo e estereotipado (CORDEIRO; SIVA, 2018; DIAS, 2015).

Segundo o DSM-5, o TEA é uma condição classificada na categoria de transtornos de neurodesenvolvimento, definido como um distúrbio de desenvolvimento neurológico presente desde os primeiros anos de vida, no qual se apresentam comprometimento comportamental (interesses restritos e repetitivos), de comunicação e social, definida pelo termo “Transtorno de Espectro Autista” inclui em uma única condição com diferentes níveis de gravidade o Transtorno de Autismo, a Síndrome de Asperger, Transtorno Invasivo do Desenvolvimento não especificado e o Transtorno Desintegrativo da Infância (APA, 2014).

Recentemente lançado, em 18 de junho de 2018, pela Organização Mundial Da Saúde (OMS), sendo apresentado oficialmente em maio de 2019, na Assembleia Mundial da Saúde, a nova Classificação Internacional de Doenças (CID-11), que entrará em vigor apenas em 1 de janeiro de 2022, mas que assim como no DSM-5 (APA, 2014), unifica os Transtornos de Espectro Autista, reunindo todos os transtornos existentes dentro do Espectro do Autismo em um só diagnóstico o TEA (PAIVA JÚNIOR, 2018).

Sua classificação no CID-10, que antes era F84 – Transtornos globais do desenvolvimento (TGD), englobava: autismo infantil; autismo atípico; síndrome de Asperger; síndrome de Rett; transtorno com hipercinesia associada a retardo mental e a movimentos estereotipados; outros transtornos desintegrativo da infância; transtornos globais de desenvolvimento não especificados e outros transtornos globais do desenvolvimento (PAIVA JÚNIOR, 2018).

Agora, no CID- 11, passará a ser 6A02 – Transtorno do Espectro do Autismo (TEA) e englobará: Transtorno do Espectro do Autismo sem deficiência intelectual e com comprometimento leve ou ausente da linguagem funcional; Transtorno do Espectro do Autismo com deficiência intelectual e com comprometimento leve ou ausente da linguagem funcional; Transtorno do Espectro do Autismo sem deficiência intelectual e com linguagem funcional prejudicada; Transtorno do Espectro do Autismo com deficiência intelectual e com linguagem funcional prejudicada; Transtorno do Espectro do Autismo sem deficiência intelectual e com ausência de linguagem funcional; Transtorno do Espectro do Autismo com deficiência intelectual e com ausência de linguagem funcional; Outro Transtorno do Espectro do Autismo especificado; Transtorno do Espectro do Autismo, não especificado. (PAIVA JÚNIOR, 2018).

Apesar das particularidades sobre o “autismo” apresentadas por cada autor, todos relatam as dificuldades que as crianças com TEA apresentam dificuldades em se comunicar e estabelecer uma interação social com as pessoas, os comportamentos

estereotipados e repetitivo. E cada criança tem uma idade para se manifestar, sendo diferente de uma para outra, assim como as características, que algumas crianças vão apresentar e outras não, o que os diferem são seus níveis de comprometimento e sintomas (SILVA; SOUZA, 2018).

Muitas das vezes, as crianças com autismo apresentam aparência física normal, porém podem ser identificadas devido à ausência de linguagem verbal, ecolalia imediata ou tardia, hiperatividade (incessante agitação e movimentação), ou extrema passividade, falta de contato visual, dificuldade de comunicação (não compreende o que lhe é dito às vezes, nem seu nome reconhecem), falta de interação social (isolamento das outras crianças), mudam de humor sem motivos evidentes, ausência de interesse em atividades de sala de aula, interesse obsessivo por um objeto ou vários do mesmo tipo e podem até aprenderem a ler sozinhos (BRASIL, 2003).

Segundo o Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais (DSM-5), seus sintomas mudam com o desenvolvimento. Por isso, no diagnóstico do TEA, as características clínicas e individuais são indicadas através do uso de especificadores que descrevem os sintomas autistas e identificam se a criança tem ou não comprometimento intelectual; se apresentam comprometimento da linguagem ou não, e se está associado a alguma condição médica ou genética conhecida ou a fator ambiental, entre outros, tais indicadores favorece a individualização do diagnóstico proporcionando uma melhor descrição clínica dos indivíduos afetados (APA, 2014).

3.2 Inclusão escolar de crianças com Transtorno de Espectro Autista nas aulas de Educação Física

Escolas inclusivas são aquelas que reconhecem e respondem às diversas necessidades de seus alunos, garantindo uma educação de qualidade a todos independente do seu estilo ou ritmo de aprendizagem, por meio de um currículo adequado, muito bem estruturado e organizado, com uso de recursos, estratégias de ensino, e parceria com as comunidades, seu principal fundamento é o de que todas as crianças aprendam juntas, independente de qual seja a suas dificuldades ou diferenças (UNESCO, 1994).

A Educação inclusiva é a forma mais eficiente para se construir a solidariedade entre crianças com necessidades educacionais especiais e seus pares, escolas inclusivas devem oferecer a essas crianças suporte extra, quando necessário para garantir uma educação efetiva (UNESCO, 1994).

Cabe ao sistema de ensino organizar condições de acesso aos recursos e espaços pedagógicos, assim como uma comunicação que promova a aprendizagem e a valorização das diferenças, com o intuito de atender todos estudantes e suas necessidades educacionais (BRASIL, 2008).

O conceito de necessidades educacionais especiais, começa a ser extensamente difundido, a partir de 1994 através da Declaração de Salamanca, que destaca a interação dos alunos e suas características individuais com o ambiente pedagógico e social, chamando a atenção para o desafio de atender as diferenças no ensino regular (BRASIL, 2008).

Em 27 de dezembro de 2012 foi aprovada a Lei nº 12.764 que em seu Art. 1º parágrafo 2º, considera para todos os efeitos legais a pessoa com Transtorno de Espectro Autista como deficiente, garantindo a ela o direito a um diagnóstico precoce, com atendimento e tratamento multiprofissional, medicamentos pelo Sistema Único de Saúde, o acesso à educação e à proteção social, ao trabalho e a serviços que propiciem a igualdade de oportunidades (BRASIL, 2012). Lei que foi nomeada de “Berenice Piana”, para homenagear a mãe de uma criança com TEA, que incessantemente lutava pelos direitos do filho. Esta lei é importante por dar as pessoas com TEA os mesmos direitos nas leis específicas de pessoas com deficiência.

Por meio da inclusão escolar, a criança com TEA tem a oportunidade de vivenciar situações diferentes das que costuma viver em sua rotina, permitindo uma experiência única e inesperada em ambiente social (BELISÁRIO FILHO; CUNHA, 2010).

É necessário pensar na Educação Física como um conteúdo que oportunize aos alunos com TEA reflexões, através de movimentos que serão uteis em seu dia a dia, para que o aluno consiga através de movimentos lúdicos, melhorar suas capacidades físicas, motoras, emocionais cognitivas e sociais, estabelecendo formas diferentes de comunicação, e proporcionando melhor qualidade de vida, não só em termos biológicos, mas também sociais, garantindo o direito ao mínimo de autonomia (RAVAZZI; GOMES, 2011).

Os alunos com TEA precisam de um ambiente de ensino estruturado, assim como qualquer outro aluno, porém, dentro das especialidades de transtorno apresentados pela criança com TEA, e respeitando o seu tempo de aprendizagem, os profissionais de Educação Física devem compreender que elas podem sim responder aos estímulos e obter respostas positivas, mesmo que de forma lenta (ALVES, 2014).

Ao iniciar intervenções com crianças com TEA é necessário compreender que elas possuem dificuldades na área de linguagem, por isso o professor deve realizar suas instruções lentamente e de maneira clara, mas também deve ser breve para que a mesma não perca o foco, assim como é importantíssimo que este professor busque continuamente por capacitação a respeito dessa deficiência para que seus conhecimentos não se tornem obsoletos e incapazes de atender as necessidades desses alunos (RAVAZZI; GOMES, 2011).

A capacitação adequada de todos os educadores envolvidos é um fator crucial para que se estabeleça a inclusão (UNESCO, 1994). Os professores de Educação Física, assim como os de outras disciplinas, precisam compreender a verdadeira importância

da inclusão, e perceber o quanto sua pedagogia de ensino influencia nesse processo e no relacionamento que o aluno com TEA tem com os demais alunos (RAVAZZI; GOMES, 2011).

Segundo a Declaração de Salamanca (1994, p. 8) “[...] o currículo deveria ser adaptado às necessidades das crianças, e não vice-versa”, através da implementação de programas e sistemas que considerem as diversidade e necessidade de tais alunos, que possuem características, habilidades e interesses únicos.

Sendo assim, a inclusão escolar precisa acontecer a partir da Educação Infantil, quando começa o desenvolvimento básico e necessário para a formação do conhecimento (BELISÁRIO FILHO; CUNHA, 2010; RAVAZZI; GOMES, 2011). O que requer muito comprometimento e persistência do professor de Educação Física, que deve buscar estratégias para integrar as crianças com TEA nas aulas de Educação Física de forma espontânea e sem que ela se sinta tão diferente das outras crianças, garantindo que essa inclusão seja feita de forma adequada para que não prejudique o desenvolvimento do aluno com TEA com os demais (FERREIRA, 2017).

Porém, segundo alguns autores, para que a concretização da inclusão aconteça, ainda se faz necessário a ultrapassagem de muitos desafios, os principais são relacionados a falta de formação do profissional de Educação Física, que desconhecem as características e comportamentos do TEA, e os que os possui é apenas teórico e muitas vezes se distancia da prática, outras dificuldades relacionadas a inclusão escolar está na falta de apoio da gestão escolar, na família que muitas vezes não aceita a deficiência da criança, a falta de recursos pedagógicos e espaços físicos para trabalhar com os mesmos, falta de diagnóstico, falta de interdisciplinaridade e estratégias de ensino, entre outras, que não serão mais citadas para não fugir do foco deste estudo (CASTELLI; ASSIS; D’ANTINO, 2016; COSTA; FERREIRA; LEITÃO, 2017; FIORINI; MANZINI, 2014).

3.3 A Psicomotricidade como possibilidade para a Educação Física Escolar

A palavra Psicomotricidade surgiu pela primeira vez em 1870, pela necessidade médica, mais precisamente neurologia, de encontrar uma área que explique alguns fenômenos clínicos (KAMILA *et al.*, 2010).

Estudos em Psicomotricidade são recentes e começou a ser aos poucos abordado no início do século XX. Focando em primeiro momento no desenvolvimento motor da criança e depois começou a estudar a relação entre o atraso no desenvolvimento motor e intelectual (AQUINO *et al.*, 2012)

A Psicomotricidade objetiva estudar o homem através do seu corpo em movimento e em relação ao próprio mundo interior e mundo exterior, bem como possibilidades de

perceber, agir, atuar, consigo mesmo, com outras pessoas e com os objetos (AQUINO *et al.*, 2012).

A Psicomotricidade é o estudo do homem que visa ajudar no desenvolvimento completo da criança, utilizando atividades em que a criança desenvolve os aspectos mentais, físicos, psicológicos, sociais e culturais. Através da Psicomotricidade a criança aos poucos vai ganhando maturidade e começando a se conhecer (LUSSAC, 2008).

Ela surgiu com Dupré, que, em sua filosofia psiquiátrica, evidenciava que havia uma ligação entre o desenvolvimento da motricidade, inteligência e afetividade (LUSSAC, 2008).

O desenvolvimento da criança acontece gradativamente durante o seu crescimento e de suas capacidades de adaptação de suas necessidades básicas. Para que isso aconteça, é necessário materiais diversos, espaço, jogos, brincadeiras e o mais importante um ambiente agradável (KAMILA *et al.*, 2010).

A aula de Educação Física é de fundamental importância para o desenvolvimento da criança, pois proporciona a ela uma vasta experiência por meio de situações na qual ela tem a oportunidade de criar, interagir, construir, descobrir novos movimentos, reinventar conceitos sobre o movimento e experimentar as diversas funções de seu corpo (BASEI, 2008; RAMOS; FERNANDES, 2011). Ela proporciona a criança experiências com seu próprio corpo, com os materiais e de interação social, fazendo com que elas se conheçam, enfrentem desafios, descubram seus próprios limites, se relacione com as outras crianças, expressem sentimentos através da linguagem corporal e aprendam a se localizar no espaço, entre outros aspectos também ajuda no desenvolvimento de suas capacidades intelectuais e afetivas, atuando de forma consciente e crítica, ajudando a criar sua autonomia (BASEI, 2008).

De acordo com os Parâmetros Curriculares Nacional (PCN), a Educação Física proporciona a criança o desenvolvimento de suas capacidades afetivas e de interação social, abrangendo potencialidades e habilidades, mas respeitando as limitações individuais que cada uma possui (BRASIL, 1997).

Ao trabalhar o movimento corporal, a Educação Física possibilita o desenvolvimento dos elementos da motricidade nas crianças, quando elas brincam, jogam, imitam, criam ritmos e movimentos, elas se apropriam da cultura corporal de onde se encontram inseridas (BRASIL, 1998).

A Psicomotricidade e a Educação Física estão profundamente interligadas, visto que as duas através de seus métodos de ensino trabalham o corpo em movimento proporcionando a criança o desenvolvimento motor, cognitivo, social e afetivo, através de atividades motoras. Tais atividades ajudam no desenvolvimento da cognição, pois através das vivências corporais se modificam o intelecto, as ações motoras e a vida afetiva do indivíduo (AQUINO *et al.*, 2012).

A partir da Psicomotricidade nas aulas de Educação Física pode se trabalhar o potencial da criança e prepará-la para aprendizagem futura, por estímulos que desenvolvam suas funções psicomotoras de coordenação motora ampla e fina, esquema corporal, lateralidade, equilíbrio, orientação espacial, orientação temporal e ritmo (AQUINO *et al.*, 2012; CAMPÃO; CECCONCELLO, 2008). A partir de jogos e brincadeiras lúdicas, a criança se sente estimulada e desafiada a querer aprender mais, e a explorar novos ambientes e objetos, exigindo dela novas habilidades que serão facilmente adquiridas por meio da ludicidade. Por isso, a ludicidade nas aulas de Educação Física torna se cada vez mais importante para o desenvolvimento psicomotor da criança (RIBEIRO; FERNANDES; MARQUES, 2017).

O trabalho psicomotor quando realizado de forma lúdica possibilita a criança aprender a dominar seu próprio corpo, melhora suas capacidades de movimento e possibilita que ela enfrente desafios motores cognitivos e afetivos. Mas para que isso ocorra e os objetivos propostos sejam alcançados de forma satisfatória, o professor de Educação Física precisa se dedicar e buscar constantemente por estratégias e caminhos para que seus resultados sejam alcançados (RIBEIRO; FERNANDES; MARQUES, 2017). O professor de Educação Física deve pensar, planejar e revisar o seu trabalho para saber o que foi alcançado e o que pode ser feito para melhorar o desenvolvimento dos alunos (RAMOS; FERNANDES, 2011).

3.4 Benefícios da Psicomotricidade para alunos com Transtorno de Espectro Autista em aulas de Educação Física

O corpo deve ser visto como um todo, pois nele estão as aflições e emoções que definem a evolução psicológica e afetiva. As experiências vividas pelo corpo modificam suas ações motoras, seu intelecto e sua vida afetiva (RAMOS; FERNANDES, 2011).

A Psicomotricidade tem como objetivo desenvolver o ser humano de forma integral em seus aspectos motores, cognitivos e afetivos. Atividades psicomotoras podem beneficiar a todas as crianças, incluindo as com TEA, auxiliando no desenvolvimento do raciocínio, da imaginação, da criatividade, da afetividade e da socialização (BRASIL, 1998).

As aulas de Educação Física Escolar auxiliam no processo de desenvolvimento da criança com TEA, no desenvolvimento de habilidades motora, sociais e proporcionam melhor qualidade de vida. Porém, se faz necessário que o ensino-aprendizagem seja feito pelo professor com base na afetividade, com paciência, atenção e persistência, para que o aprendizado se manifeste de forma específica e eficaz (FONSECA; MAGALHÃES; RIBEIRO, 2012). Nesse processo, o professor de Educação Física assume um importante papel, auxiliando a criança a demonstrar seus desejos e emoções, ao propor

situações desafiadoras e significativas que o faça entender, sentir e pensar, mesmo que a criança precise da mediação, interferência ou ajuda de outro para conseguir concluí-la, em outro momento conseguirá realiza-la sozinha (GOMES; LEONARDO, 2013; NEGRINE; MACHADO, 1999).

Ao trabalhar a Psicomotricidade na Educação Física, deve se considerar as reais necessidades da criança com TEA, partindo de atividades simples para as mais complexas. Uma vez que as crianças com TEA não conhecem a si mesmas, nem suas potencialidades, possuem dificuldades em se relacionar com si mesmas e com os outros, vivem isoladas e distantes, cabendo assim, não só ao professor de Educação Física, mas também a escola e a família estimular o movimento por meio de brincadeiras e jogos que propiciem uma vasta vivência corporal capaz de desenvolver suas capacidades motoras, físicas e afetivas (RAMOS; FERNANDES, 2011). Neste sentido, para que a Psicomotricidade nas aulas de Educação Física obtenha resultados positivos, é necessária a colaboração de todas as pessoas envolvidas com a criança com TEA, com o propósito de ajudá-la a conviver melhor consigo mesma, com seus pares, e com o ambiente em que ela está inserida (COELHO, 2011).

A Psicomotricidade pode contribuir para o desenvolvimento das crianças diagnosticadas com TEA nas aulas de Educação Física, porém, é fundamental trabalhar as potencialidades individuais que cada criança possui, ultrapassando estereótipos e incentivando-a viver, sentir e descobrir seu corpo através do movimento, levando em consideração que cada criança é única e possui um tempo diferente para se desenvolver; cabe ao profissional de Educação Física, por meio do conhecimento dessa patologia, perceber a melhor maneira de intervir em cada caso, respeitando o tempo e os limites de cada criança (COELHO, 2011; SILVA; SOUZA, 2018).

Segundo Oliveira (1992), a Psicomotricidade é importante por proporcionar benefícios no processo de alfabetização da criança, por refletir no desempenho escolar e auxiliar na livre expressão. Porém, assim como todas atividades, as atividades de Psicomotricidade devem seguir uma sequência, uma ordem, uma sucessão de movimentos e haver um objetivo que se pretende alcançar. Ela oferta inúmeras estratégias para trabalhar as dificuldades de aprendizagem estabelecendo relações entre corpo e afeto, pensamento e o nível de intelecto (PADILHA *et al.*, 2017).

A Psicomotricidade como prática educativa nas aulas de Educação Física se preocupa com o desenvolvimento e aprendizagem da criança com TEA por intermédio do brincar, favorecendo a experimentação corporal e a vivência simbólica, bem com a interação com seus pares, podendo assim dizer que ela é benéfica, pois oferece meios para que a criança com TEA amplie seu repertório motor e auxilia na interação social (FALKENBACH; DIESEL; OLIVEIRA, 2010). Ela também auxilia a criança com TEA a ter domínio do seu próprio corpo, adquirindo noções de tempo, espaço e equilíbrio,

assim como controlar melhor suas emoções e movimentos, oferecendo novas formas de expressão, proporciona benefícios à saúde, melhora também a falta de atenção e diminui comportamentos de hiperatividade e impulsividade (PADILHA *et al.*, 2017).

Assim sendo, pode se dizer que a abordagem psicomotora nas aulas de Educação Física para crianças com TEA é uma ferramenta que tem grande valor, uma vez que tenta torná-las mais independentes na realização de tarefas em seu dia a dia, favorecendo o autoconhecimento a partir de suas próprias ações, diminuindo dependência de outras pessoas e contribuindo para a melhorar a qualidade de vida das crianças com esta síndrome. (COELHO, 2011; FONSECA; MAGALHÃES; RIBEIRO, 2012; NEGRINE; MACHADO, 1999).

No entanto, apesar da Psicomotricidade como possibilidade para a Educação Física escolar proporcionar inúmeros benefícios, ela não pode ser vista como um remédio que resolverá todos os problemas escolares do aluno, mas, com certeza, ela é um meio que irá ajudá-lo a superar algumas dificuldades e auxiliar no processo de inclusão e adaptação ao ambiente escolar (OLIVEIRA, 1992).

4 Conclusões

Esse artigo permite a reflexão sobre a importância da Psicomotricidade como possibilidade nas aulas de Educação Física, no sentido de um melhor desenvolvimento não apenas motor, mas biopsicossocial da criança com TEA, pois auxilia no seu processo de aprendizagem e alfabetização como também na socialização com as outras crianças, favorecendo a sua inclusão ao ambiente escolar.

O professor de Educação Física, ao planejar sua prática junto a alunos com TEA, deve selecionar atividades que possuam uma relação com as atividades realizadas no cotidiano da criança com TEA para que os mesmos exercícios, quando praticados em sua rotina, propiciem o desenvolvimento tanto em aspectos motores como de interação social.

Apesar de estudos sobre o “autismo” apresentar uma crescente desde a sua descoberta na década de 40, sua etiologia ainda é muito enigmática, fazendo-se necessárias, cada vez mais, pesquisas relacionadas a essa temática, já que, ao estudar esse tema, ficou visível que muitos profissionais de Educação Física ainda enfrentam dificuldades em incluir crianças com TEA devido às características únicas e inatas que possuem.

A Psicomotricidade é uma possibilidade para as aulas de Educação Física para crianças com TEA, pois, ajuda no processo de aprendizagem e desenvolvimento da criança com TEA e, também, na interação social, mas, sozinha, não é capaz de resolver todos os problemas relacionados à inclusão dos alunos com essa deficiência.

Ao apresentar possíveis intervenções com crianças com TEA, se faz necessário que elas sejam iniciadas desde sua infância, e sigam uma sequência; é importante também que seja feito um trabalho interdisciplinar com objetivos bem planejados e definidos, com o envolvimento de toda sociedade escolar, com o propósito de facilitar a aprendizagem e minimizar os impactos negativos tanto da deficiência, como da exclusão.

Referências

- ALVES, F. R. F. *Desafios e mudanças: uma proposta de programa de exercícios físicos para crianças com transtorno do Espectro do Autismo (TEA)*. 2014. 136f. Dissertação (Mestrado em Educação Física). Universidade Federal de Juiz de Fora, Universidade Federal de Viçosa. Juiz de Fora, 2014. Disponível em: <http://repositorio.ufjf.br:8080/jspui/bitstream/ufjf/724/1/flaviareginaferreiraalves.pdf>. Acesso em: 11 maio 2020.
- APA. *DSM-V. Manual diagnóstico e estatístico de transtornos mentais*. Trad. Maria Inês Corrêa Nascimento *et al.* 5 ed. Porto Alegre: Artmed, 2014. Disponível em: <http://www.niip.com.br/wp-content/uploads/2018/06/Manual-Diagnostico-e-Estatistico-de-Transtornos-Mentais-DSM-5-1-pdf.pdf>. Acesso em: 16 mar. 2020.
- AQUINO, M.F.S *et al.* A psicomotricidade como ferramenta da Educação Física Escolar. *Revista Brasileira de Futsal e Futebol*. São Paulo, v.4, n.14, p.245-257. jan-dez. 2012. Disponível em: <http://www.rbff.com.br/index.php/rbff/article/view/145/150>. Acesso em: 17 mar. 2020.
- BASEI, A. P. A Educação Física na Educação Infantil: a importância do movimentar-se e suas contribuições no desenvolvimento da criança. *Revista Iberoamericana de Educação*. n.47, 2008.. Disponível em: <https://rioei.org/historico/deloslectores/2563Basei.pdf>. Acesso em: 11 maio 2020.
- BELISÁRIO FILHO, J. F. B., CUNHA, P. A Educação Especial na Perspectiva da Inclusão Escolar – Transtornos Globais do Desenvolvimento. *Ministério da Educação, Universidade Federal do Ceará*. Fortaleza, v. 9, 2010. Disponível em: http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_docman&view=download&alias=7120-fasciculo-9-pdf&category_slug=novembro-2010-pdf&Itemid=30192. Acesso em: 12 maio 2020.
- BENTO, A. V. Como fazer uma revisão da literatura: Considerações teóricas e práticas. *Revista JA (Associação Acadêmica da Universidade da Madeira)*, v. 7, n. 65, p. 42-44, 2012. Disponível em: <http://www3.uma.pt/bento/Repositorio/Revisaodaliteratura.pdf>. Acesso em: 20 maio 2020.
- BRASIL. Ministério da Educação e do Desporto Secretaria de Educação Fundamental. *Referencial curricular nacional para a educação*. MEC, 1998. 85p. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/volume2.pdf>. Acesso em: 17 abr. 2020.
- BRASIL. Ministério da Educação Secretaria de Educação Especial. *Política nacional de educação especial na perspectiva da educação inclusiva*. jan. Brasília, 2008. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/arquivos/pdf/politicaeducespecial.pdf>. Acesso em: 05 maio 2020.
- BRASIL. Ministério da Educação Secretaria de Educação Especial. *Saberes e práticas da inclusão Infantil: dificuldades acentuadas autismo*. Brasília, 2003. Disponível em: <http://www.autismo.org.br/site/images/Downloads/mec%20autismo.pdf>. Acesso em: 15 maio 2020.
- BRASIL. Presidência da República. *Política Nacional de Proteção dos Direitos das Pessoas com Transtorno do Espectro Autista*. Lei n. 12.764, de 27 dez. 2012. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2011-2014/2012/lei/112764.htm. Acesso em: 05 maio 2020.

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. *Parâmetros curriculares nacionais: Educação física*. Brasília: MEC, 1997. 96p. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/livro07.pdf>. Acesso em: 14 maio 2020.

CAMPÃO, D. S; CECCONELLO, A. M. A contribuição da educação física no desenvolvimento psicomotor na educação infantil. *Revista Efdeportes*, Buenos Aires, a.13, n.123, 2008. Disponível em: <https://www.efdeportes.com/efd123/a-contribuicao-da-educacao-fisica-no-desenvolvimento-psicomotor-na-educacao-infantil.htm>. Acesso em: 15 maio 2020.

CASTELLI, C.Q; ASSIS, S.B; D'ANTINO, M. E. O Transtorno do Espectro Autista e a Educação Física Escolar: A Prática do Profissional da Rede Estadual de São Paulo. In: 5º Congresso Ibero Americano em Investigação Qualitativa, 2016. *Atas de Investigação Qualitativa em Educação*. Portugal. Universidade Lusófona do Porto, 2018, p. 88-97. Disponível em: <https://proceedings.ciaiq.org/index.php/ciaiq2016/article/view/592/581>. Acesso em: 09 maio 2020.

COELHO, A. P. M. A. *Perfil psicomotor em crianças com e sem autismo: um estudo comparativo*. 2011. 65f. Dissertação (Mestrado em Supervisão Pedagógica) - Universidade da Beira Interior Ciências Sociais e Humanas. Disponível em: <https://ubibliorum.ubi.pt/bitstream/10400.6/2737/1/Perfil%20Psicomotor%20Ana%20Paula%20Coelho.pdf>. Acesso em: 09 maio 2020.

CORDEIRO, L.C; SILVA, D. A contribuição da psicomotricidade relacional no desenvolvimento das crianças com transtorno do espectro autista. *Faculdade Santana em Revista*. v.2, n. 1, p. 69-82. ago. 2018. Disponível em: <https://www.iessa.edu.br/revista/index.php/fsr/article/view/566>. Acesso em: 10 maio 2020.

COSTA, C.R; FERREIRA, M.O; LEITÃO, M.C. Aulas de educação Física: inclusão escolar de estudantes com transtorno do espectro autista. *Revista Educação Online*, Rio de Janeiro, n. 26, dez. 2017. Disponível em: <http://educacaoonline.edu.puc-rio.br/index.php/eduonline/article/view/341/175>. Acesso em: 07 maio 2020.

DIAS, S. Asperger e sua síndrome em 1944 e na atualidade. *Revista Latino Americana de Psicopatologia Fundamental*. São Paulo, v. 18, n.2, p. 307-313, junho de 2015. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S141547142015000200307. Acesso em: 14 maio 2020.

FALKENBACH, A.P; DIESEL, D; OLIVEIRA, L.C. O jogo da criança autista nas sessões de psicomotricidade relacional. *Revista Brasileira de Ciência do Esporte*, Campinas, v. 31, n. 2, p. 203-214, 2010. Disponível em: <http://revista.cbce.org.br/index.php/RBCE/article/view/706/411>. Acesso em: 05 maio 2020.

FERREIRA, A.C.D. *Efeitos de sessões de psicomotricidade relacional sobre o perfil das habilidades motoras e controle postural em indivíduo com transtorno do espectro autista*. 2016. 93f. Dissertação (Mestrado) Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Programa de Pós-graduação em Educação Física. Natal, RN, 2016. Disponível em: https://repositorio.ufrn.br/jspui/bitstream/123456789/22461/1/AnaCharlineDantasFerreira_DISSERT.pdf. Acesso em: 10 maio 2020.

FERREIRA, N. M. M. *A inclusão de crianças autistas nas aulas de educação física escolar no ensino regular*. 2017. 29 f. TCC (Licenciatura em Educação Física) – Faculdade de Ciências da Educação e Saúde Centro Universitário de Brasília, Brasília, 2017. Disponível em: <https://repositorio.uniceub.br/jspui/bitstream/prefix/13103/1/21450762.pdf>. Acesso em: 13 maio 2020.

FIEIRA, J. T. *O desenvolvimento psicosexual na criança com autismo no espaço educativo: um estudo empírico bibliográfico à luz da psicanálise*. 2017. 200f. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade Estadual do Oeste do Paraná, Francisco Beltrão, 2017. Disponível em: <http://tede.unioeste.br/bitstream/tede/279/5/Jaqueline%20TFieira2017.pdf>. Acesso em: 16 abr. 2020.

FIORINI, M. L. S; MANZINI, E. J. Inclusão de alunos com deficiência nas aulas de educação física: identificando dificuldades, ações e conteúdos para prover a formação do professor. *Revista Brasileira de Educação Especial*, Marília, v. 20, n. 3, p. 387-404, set. 2014. Disponível em: https://www.scielo.br/scielo.php?pid=S1413-65382014000300006&script=sci_abstract&tlng=pt. Acesso em: 12 abr. 2020.

FONSECA, M. P. S; MAGALHÃES, A. C. L; RIBEIRO, M. S. A Educação Física Escolar a partir da abordagem psicomotora: foco no autismo. *Revista Efdports*, Buenos Aires, a.17, n.112. 2012. Disponível em: <https://www.efdeportes.com/efd172/abordagem-psicomotora-foco-no-autismo.htm>. Acesso em: 15 maio 2020.

GOMES, R. A.T; LEONARDO, N. S. T. A psicomotricidade na escola: sua relevância no processo de escolarização. *Os desafios da escola pública paranaense na perspectiva do professor PDE*, Paraná, v.1, 2013. Disponível em: http://www.diaadiaeducacao.pr.gov.br/portals/cadernospede/pdebusca/producoes_pde/2013/2013_uem_edespecial_artigo_rosiney_aparecida_travaglia_gomes.pdf. Acesso em: 15 maio 2020.

KAMILA, A.P.F *et al.* A estimulação psicomotora na aprendizagem infantil. *Revista Científica da Faculdade de Educação e Meio Ambiente*. v.1, n.1, p.30-40, mai-out. 2010. Disponível em: <http://www.faema.edu.br/revistas/index.php/Revista-FAEMA/article/view/9/251>. Acesso em: 20 abril 2020.

LORDANI, S. F. S; BLANCO, M.B. Educação Psicomotora Como Prática Pedagógica Na Educação Infantil. In: ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE PSICOMOTRICIDADE. 2019. *I Congresso Internacional De Psicomotricidade XIV Congresso Brasileiro De Psicomotricidade*. Rio de Janeiro. Disponível em: <https://psicomotricidade.com.br/educacao-psicomotora-como-pratica-pedagogica-na-educacao-infantil/>. Acesso em: 05 maio 2020.

LUSSAC, R.M.P. Psicomotricidade: história, conceitos, definições e intervenção profissional. *Revista efdeportes*, Buenos Aires, a.13, n.126, nov. 2008. Disponível em: <https://www.efdeportes.com/efd126/psicomotricidade-historia-e-intervencao-profissional.htm>. Acesso em: 17 maio 2020.

NEGRINE, A; MACHADO, M. L. S. A terapia da criança autista: uma abordagem pela via corporal. *Revista Perfil*, Rio Grande do Sul, ano. 3, n.3, 1999. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/perfil/article/view/77403/pdf>. Acesso em: 13 maio 2020.

OLIVEIRA, G.C. *Psicomotricidade: Um estudo em escolares com dificuldades com Leitura e Escrita*. 1992. 364f. Tese (Doutorado em Educação). Faculdade de Educação da Universidade Estadual de Campinas. Campinas, 1992. Disponível em: <http://repositorio.unicamp.br/jspui/handle/REPOSIP/253637>. Acesso em: 17 abr. 2020.

PADILHA, D. B. S. *et al.* A psicomotricidade para autistas nas aulas de educação física do ensino fundamental I. *Revista Gestão Universitária*, nov. 2017. Disponível em: <http://gestaouniversitaria.com.br/artigos/a-psicomotricidade-para-autistas-nas-aulas-de-educacao-fisica-do-ensino-fundamental-i>. Acesso em: 15 maio 2020.

PAIVA JUNIOR, F. *Nova classificação de doenças, CID-11, unifica Transtorno de Espectro do Autismo: 6A02*. Disponível em: <https://tismoo.us/saude/diagnostico/nova-classificacao-de-doencas-cid-11-unifica-transtorno-do-espectro-do-autismo-6a02/>. Acesso em: 17 mar. 2020.

RAMOS, C. S. FERNANDES, M.M. A importância de desenvolver a psicomotricidade na infância. *Revista Efdports*, a.15, n.153, 2011. Disponível em: <https://www.efdeportes.com/efd153/a-importancia-a-psicomotricidade-na-infancia.htm>. Acesso em: 14 maio 2020.

RAVAZZI, L; GOMES, N. M. Levantamento Bibliográfico sobre educação física e autismo. In: ENCONTRO DA ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE PESQUISADORES EM EDUCAÇÃO ESPECIAL, 7, 2011. Londrina. *Anais VII Encontro Da Associação Brasileira De Pesquisadores Em*

Educação Especial. Londrina. 2011. pg. 934-944. Disponível em: <http://www.uel.br/eventos/congressomultidisciplinar/pages/arquivos/anais/2011/esporte/089-2011.pdf>. Acesso em: 14 maio 2020.

RIBEIRO, T. L; FERNANDES, R. N; MARQUES, W. S. Ludicidade e Psicomotricidade: o uso do lúdico na intervenção de uma criança com dificuldade psicomotora. In: CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO, 4, 2017. Campina Grande. *Anais IV CONEDU*. v.1. Campina Grande. Faculdade de Ciências Wenceslau Braz. 2017. Disponível em: https://www.editorarealize.com.br/revistas/conedu/trabalhos/TRABALHO_EV073_MD1_SA9_ID5271_06092017172819.pdf. Acesso em: 13 maio 2020.

SILVA, D.G; PERANZONI, V.C. Autismo: um mundo a ser descoberto. *Revista Efdeportes*, Buenos Aires, a. 17, n. 171, ago. 2012. Disponível em: <https://www.efdeportes.com/efd171/autismo-um-mundo-a-ser-descoberto.htm> Acesso em: 14 abr. 2020.

SILVA, F. D. O. TAVARES, H. M. Psicomotricidade relacional na escola infantil tradicional. *Revista da Católica*, v. 2, n. 3, p. 348-363, 2010. Disponível em: <https://docplayer.com.br/16627091-Psicomotricidade-relacional-na-escola-infantil-tradicional.html>. Acesso em: 07 maio 2020.

SILVA, F.C; SOUZA, M.F.S. Psicomotricidade: Um caminho para intervenção com crianças Autistas. *Pretextos - Revista da Graduação em Psicologia da PUC Minas*. Minas Gerais, v. 3, n. 5, jan/jun. 2018. Disponível em: <http://periodicos.pucminas.br/index.php/pretextos/article/view/16017>. Acesso em: 16 abr. 2020.

UNESCO. *Declaração de Salamanca sobre princípios, política e práticas na área das necessidades educativas especiais*. 1994. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/seesp/arquivos/pdf/salamanca.pdf>. Acesso em: 29 mar. 2020.

Notas sobre os autores:

Carla Gabriela Laureano

Acadêmica dos cursos de Licenciatura e Bacharelado em Educação Física – Faculdade de Ensino Superior do Interior Paulista (FAIP). krlagabilaureano@hotmail.com

<https://orcid.org/0000-0001-8521-2827>

Maria Luiza Salzani Fiorini

Docente dos cursos de Licenciatura e Bacharelado em Educação Física – Faculdade de Ensino Superior do Interior Paulista (FAIP)

salzanifiorini@yahoo.com.br

<https://orcid.org/0000-0002-9336-2136>

Recebido em: 20/06/2020

Reformulado em: 06/07/2020

Aceito em: 06/07/2020